

Leonardo Chioda

(1986, Jaboticabal – SP) é um escritor ítalo-brasileiro. Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista, também estudou literatura, história do teatro e línguas italiana e inglesa na Università degli Studi di Perugia e na Università Ca'Foscari de Veneza. É aluno de mestrado em poéticas de expressão portuguesa na Universidade de São Paulo. Escreveu *Tempestardes* (Patuá, 2013), *POTNIA* (Selo Demônio Negro, 2017), e tem poemas em diversas antologias e revistas literárias.

E-mail: chioda@usp.br

aula

viver é um rasgar-se e remendar-se, de acordo com
[Guimarães Rosa.

de acordo com o meu ortopedista,
a vida é sentar-se errado e ferrar-se.

eu tenho de 'reeducar a coluna desde já', eu que desde
[os 20

com a mesma mochila repleta de livros
me arrasto de um lado a outro na geografia
— livros que não me aprumam
mas descem na minha estrutura.
então corrigir o porte
para não haver problemas no futuro,
como se não bastasse o agora — tão dorsal
que vai passando e pesando a própria espinha dos dias

'coluna ereta' é um mantra,
mas se nem a terra é plana
nem as eleições serão diretas,
como pode
o poeta em riste
escrever reto se as linhas tortas?

tudo é questão de postura, doutor. eu sei.
há pouco desci tão fundo
nos recessos da água
que mal aguento as costas [e os maremotos].
mas é regra básica do poema:
quem se curva demais se perde,
quem se estica atinge os espaços mais escusos do poço.
mas quem se sinta direito
digamos que adianta a morte para dançar.

porque no começo ou no fim
essa é a verdade que nos escápula:
sentar errado é a vértebra principal dos mais livres
enquanto a via segue sendo o acidente
— vida cada vez mais jugulada,
tão programada de modo primoroso
como se fosse a cabeça
o peso central de um corpo bem escalado a canto.

é nada, doutor — o que pesa é o coração,
batendo ou explodindo
doendo dia sim dia não.
assim vou pendendo para o lado dos fracos
e estranhos, inclinado forte para a esquerda
[avesso a todo golpe],
mesmo sem uma boa posição para lutar e descansar,
sempre com bons modos
[porque a boa educação era pública
e me valeu a pena], mas sempre chegando
e sentando
escrachado no desconforto do mundo.

a vida é um acidente, é verdade — e repleto de ossos

estreitos e chatos, verbos de ligamento
tão bem articulados
e tripas que [esticadas] vão tão longe quanto marco polo
ainda que sem o sentido veemente da rota ou da seda:
vida que é uma luta cervical,
rasgada para um curto ou longo duelo de espáduas,
de nervo e remendo à glória corcunda.
só sei que a minha estrela é quando me estralo
e o tão pouco tempo para tanto peso.

a verdade, doutor,
é que vamos todos tomar no cóccix.

*

era depois da morte victor heringer

era depois da morte herberto helder
Ruy Belo

era depois da morte victor heringer
quando vários sistemas literários colidiram
e a esperança falou mais alto
[ela própria] por incrível que pereça:
uma galáxia de poetas reacesos pelo choque da realidade
os fracos dominantes das altas editoras
e os sábios perdidos do campo escrito
estiveram à deriva em um minuto mar de tristeza
de dados braços com algum relance de força
pelo simples ato de segurar um livro amarelo
enquanto andavam no escuro

era depois da névoa que tomou uma parte do Rio de Janeiro
em três dias cinzentos e um frio inexplicado até agora
que os coletivos e os grupos se entreolharam
e só viram o vazio de cada dia
assim deram continuidade aos debates e aos lançamentos
como se tudo tivesse adormecido: dos mais ferrados
se abraçando em amor ao que escrevem
aos mais próximos que distantes se fecham — presos
aos destroços do coração parado tão antes do tempo
e durante o grande golpe
depois vão os vãos e voltam os desequilibristas
no ápice da crise existencial caindo em si
e amparando o passo de quem passou por aqui e fingiu que não viu
ou fez que não soube do sangue dos professores
e das flores de março
chegando ao túmulo do país

é depois da morte de um lido
que aumenta a inveja do arrivista
ou o suspiro dos companheiros das letras
ou mesmo a dor dos mais avessos
e faz sumir o gosto do cigarro e da cerveja dos independentes

até que ao fim de tudo tudo se esqueça rápido
como se esquece o perigo
ou um verso letal para salvar uma vida

porque era depois do vazio que mora na poesia
e dessa carne vulnerável da palavra
que mal impressa já apodrece na estante
num instante
para sempre
que ouvimos meias verdades por inteiro:
a perda só é sentida assim e depois que ela acontece

era o toque de recolher a própria insignificância
com ambas as mãos na areia do aterro
mas no fundo no fundo os mais belos monumentos
ainda querem ser amados
ainda que pouco se amem
e tanto se armem uns com os outros
para um dia quem sabe o gozo entre os melhores do cânone
onde só os piores têm fome de chegar
até que realmente depois da morte victor heringer
seja o quando fazer um poema se torna algum estrondo
e não mero exercício de quebra
ou dobra — quando acordamos para a vida
pedindo a ela o seu sentido
— e entre fazer o poema e não fazê-lo
está a mesma condição e o seu vero destino:
os mal pagos firmando a glória
os demiurgos reinando na merda
e só alguns atentos aos olhos nas fotos
para ver talvez o que se descobre do lado de lá
ou para saber como ser um texto
que valha a pena espalhar no mundo
como um lugar de ternura
como se espalha agora
a luz tímida de um escritor rodeado de silêncio
indo embora esteja de mãos dadas ao que ainda não escreveu

é depois da morte de qualquer promessa que se cumpre
que a vida continua
como se antes fosse bem possível
— como um sopro entre a água de Pinheiros
e o concreto de Copacabana — como que avulsa
a própria vida própria

São Paulo, março de 2018

